



REPRESENTAÇÃO SOCIAL EM SAÚDE

**SOCIAL REPRESENTATION IN HEALTH**

Fábio Batista Sobral<sup>1</sup>

e341371

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i4.1371>

PUBLICADO: 04/2022

**RESUMO**

Esta pesquisa é parte da dissertação de mestrado em psicologia que teve como título Aproximando Saberes Numa Comunidade Indígena no Sertão Alagoano e que teve como objetivo principal estudar as representações sociais de cuidado em saúde mental por indígenas da etnia Jeripanko à luz da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo de Lefèvre. Seu objetivo é descrever as características centrais da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici, analisar suas funções e aplicabilidade no campo da saúde. Para tal, foi realizada uma revisão não sistemática da literatura científica disponível nos seguintes bancos de dados: literatura latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO). Os resultados indicaram que a TRS tem se mostrado importante fundamento para o desenvolvimento de pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento, com importante destaque na área da saúde, tendo em vista a importância da visão psicossociológica do processo saúde-doença e necessidade de adequação das estratégias assistenciais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teoria das representações sociais. Psicossociologia. Pesquisa em saúde.

**ABSTRACT**

*This research is part of the master's dissertation in psychology entitled Approaching Knowledge in an Indigenous Community in the Sertão Alagoas, which had as its main objective to study the social representations of mental health care by indigenous people of the Jeripanko ethnicity in the light of Lefèvre's Discourse of the Collective Subject technique. Its objective is to describe the key features of Serge Moscovici's Theory of Social Representations, analyze its functions and applicability in the health field. To this end, a non-systematic review of scientific literature available in the following databases was conducted: Latin American and Caribbean Literature on Health Sciences (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO). The results indicated that the SRT has proven to be an important foundation for the development of research in various areas of knowledge, with important emphasis on health, in view of the importance of the psychosociological view of the health-disease process and the need for adequacy of care strategies.*

**KEY WORDS:** Social representations theory. Psychosociology. Health research.

**TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

A Teoria das Representações Sociais (TRS), de Serge Moscovici, tem se apresentado enquanto fundamento teórico e metodológico de importantes pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento a saber, a educação, a saúde, a medicina, a antropologia, a psicologia etc. Suas características, seu interesse pela produção dos saberes sociais, aqueles que se produzem no cotidiano, na realidade das pessoas, têm demonstrado aplicabilidade em diferentes áreas científicas, de modo a valorizar o saber social enquanto conhecimento e permitir o desenvolvimento de uma

<sup>1</sup> Psicólogo de saúde indígena no Distrito Sanitário Especial Indígena de Alagoas e Sergipe, mestre em psicologia pela Universidade de Pernambuco - CAMPUS Garanhuns, especialista em Dependência Química pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras, especialista em Saúde Pública pela Universidade Cândido Mendes.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

REPRESENTAÇÃO SOCIAL EM SAÚDE  
Fábio Batista Sobral

grande variedade de propostas teóricas sobre o senso comum (ARRUDA, 2002). Faz adotando pressupostos básicos que se orientam sob o prisma da complexidade do mundo social, ela abandona, propositalmente, uma perspectiva “celular”, interessando-se por compreender os seres humanos no contexto mais amplo de suas relações sociais (REIS, 2011).

Foi no início da década de 60 que o psicólogo social Serge Moscovici apresentou, alicerçado em ideias provenientes do campo da sociologia e da psicologia, as bases fundamentais à proposição da TRS.

*La pychanalyse: son image et son public*, tese de doutoramento de Moscovici publicada no ano de 1961 é, sem dúvida, o marco dessa aparição. A partir dela, o pesquisador buscou compreender as maneiras pelas quais a psicanálise, enquanto conhecimento científico e prática profissional, penetrava o pensamento popular e se fazia, de alguma forma, presente nos mais diversos setores da sociedade francesa (JESUÍNO, 2015).

Para tal, recorreu a métodos bastante convencionais (questionários semiestruturados, pesquisa de opinião etc.), ele colheu amostras das opiniões, das atitudes das pessoas, sempre com respeito à psicanálise e aos psicanalistas (GUARESCHI, 2013). De fato, não havia ali o interesse de estudar a ciência em si, nem de validá-la enquanto saber bom ou ruim, mas entender sua apropriação e transformação por um saber do senso comum de modo a evidenciar processos de formação deste último, suas condições sociais e as funções que desempenhava no interior de um determinado grupo social (MARKOVÁ, 2017). Isso fica claro quando Moscovici apresenta o seguinte relato:

A psicanálise é um evento cultural que ultrapassando o círculo restrito da Ciência, da Literatura ou da Filosofia, afeta a sociedade em seu todo. Observa-se simultaneamente o nascimento de um novo senso comum que não pode ser compreendido em termos de vulgarização, de difusão ou de distorção da ciência (1978, p. 25).

*La pychanalyse: son image et son public* inaugura uma tradição de pesquisa que continua a desenvolver-se através de abordagens específicas da teoria, cuja ênfase não reside na separação de disciplinas, muito menos no estabelecimento de relações de validade e sobreposição entre os diferentes tipos de conhecimento. Partindo de uma perspectiva interdisciplinar, ela vai investigar como e porque as pessoas partilham o conhecimento e, com base nele, constroem uma realidade comum, transformando ideias em prática. Nela o receptor da informação não é mais considerado enquanto uma folha de papel em branco, um simples receptáculo da informação, mas alguém imerso numa relação verticalizada, sedimentando-se uma noção ativa e reformadora do sujeito (MOSCOVICI, 2015).

A investigação em representação social adquiriu uma postura crítica dentro de um período marcado por mudanças provocadas pela insatisfação e pela tentativa de superação de um modelo científico que valorizava seus saberes em detrimento da cultura do senso comum, menosprezando e desprestigiando o valor das crenças e dos conceitos culturalmente construídos no intercâmbio comunicacional cotidiano que constitui e é constituído na cultura (OLIVEIRA; WERBA, 2003).



Com isso, a perspectiva moscoviana apontou para uma mudança historicamente decisiva sobre o olhar da gênese do nosso senso comum, cuja ênfase recaia sobre o reconhecimento do papel constitutivo do social na produção do saber e a perspectiva crítica com relação à clássica visão de que o social “polui” o conhecimento (DURAN, 2012, p. 231).

Mas, FARR reconhece que Moscovici não desenvolveu a Teoria das Representações Sociais num vazio cultural (2013). Ele encontrou na perspectiva sociológica da noção de Representações Coletivas Durkheim o terreno propício para o embasamento das proposições das características centrais de sua teoria que condensou, sobretudo, seu caráter de fato social, sua força material e o poder de ambiente simbólico para resistir à mudança e solidificar-se por meio de processos de institucionalização. Promovendo uma importante releitura do instigante trabalho daquele sociólogo acerca das práticas religiosas de tribos australianas, observou a importância das representações coletivas partilhadas e transmitidas de uma geração para outra geração para o estabelecimento de uma realidade social (JOVCHELOVITCH, 2005).

Durkheim estava interessado em especificar as características do pensamento coletivo em relação ao pensamento individual. Para ele, as Representações Coletivas caracterizavam-se enquanto grandes e estáveis alicerces da sociedade que, influenciando os indivíduos impositivamente, tinham como principal função manter um todo unificado, conservado. Apresentavam-se como uma mente grupal, um guarda-chuva no qual abrigavam-se e protegiam-se os mitos, as imagens e o idioma, o direito, a religião, as tradições. Sua sociologia é constantemente orientada para uma manutenção das coesas, de modo a preservar o todo contra qualquer fragmentação. É aí que as representações coletivas adquirem seu significado, nesse poder de obrigar que ajuda a integrar e conservar a sociedade (MOSCOVICI, 2015).

Durkheim se esforçava para consolidar a sociologia enquanto uma ciência autônoma, com métodos próprios de estudo e separada de outras áreas do conhecimento, em especial da Psicologia (2002). Para tal, fundamentava-se no entendimento de que as leis que regiam os fenômenos sociais diferenciavam-se daquelas que explicariam os fenômenos individuais e, nesse caso, caberia à psicologia o estudo das representações individuais enquanto as Representações Coletivas marcariam o objeto de estudo da sociologia (MOSCOVICI, 2015).

Esse caráter imperioso que sublinhava as Representações Coletivas logo mostrou-se contraposto ao pensamento de Moscovici, interessado por investigar a mudança e a dinâmica das sociedades marcadas pela velocidade nas comunicações, pelo grande desenvolvimento da ciência, da intensa circulação e movimento de ideias e valores, forjada no estabelecimento de relações sociais passíveis de investigação (JODELE, 2001). Essa perspectiva leva-o a substituir o termo “Representação Coletiva” por “Representações Sociais” e passa a conceituá-la da seguinte maneira:

Por Representações Sociais entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são equivalentes, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crença das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum (*apud* OLIVEIRA; WERBER, p. 106).



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

REPRESENTAÇÃO SOCIAL EM SAÚDE  
Fábio Batista Sobral

Ele evidencia características do fenômeno das Representações Sociais que permitem-nos estudá-las através de processos descritivos e explicativos, visto que são constituídas pelos próprios sujeitos sociais, capazes de lhe dar sentido e significado, e não apenas algo reproduzido e/ou a que estes encontrem-se adaptados. Desta forma, elas não podem ser entendidas como mera cópia ou desdobramento do objeto, mas em sua reconstituição, aperfeiçoamento (MOSCOVICI, 1978). A partir de então, diferentes autores debruçaram-se e contribuíram (e têm contribuído) para o desenvolvimento da TRS sob diferentes vertentes. Dentre eles, pode-se mencionar Denise Jodelet, autora que muito tem contribuído com a área, sobretudo por sublinhar uma distinção entre conhecimento e saber, predominando neste último sua dimensão prática, capaz de orientar condutas humanas. Para ela,

As Representações Sociais correspondem a um tipo de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, que orienta a vida das pessoas e que, desta forma, contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (2001). E, na qualidade desse conhecimento do senso comum, estão sempre presentes numa opinião, num julgamento, numa avaliação, num posicionamento, manifestação ou postura de um indivíduo comum (JODELET, 1989, *apud* LEFÈVRE, 2017, p.15).

Nossas formas de pensar, reagir a estímulos, carregam marcas próprias do grupo ou sociedade da qual fazemos parte e, com isso, tornam viáveis a comunicação, a formatação de ações e reações que se dão sob essa “atmosfera” das Representações Sociais. Tornam-se importantes no cotidiano por guiar-nos na maneira segunda a qual nomeamos e definimos conjuntamente diferentes aspectos de nossa realidade, na forma que interpretamos tais aspectos, que tomamos decisões e, eventualmente, posicionamo-nos decisivamente (JODELET, 2001). De fato, as Representações Sociais desempenham um papel ativo em nossas maneiras de perceber o mundo e de se relacionar com as pessoas a nossa volta.

Portanto, podem ser reconhecidas enquanto processos de comunicação em desenvolvimento nos grupos bem como resultado desses processos, mas sempre decorrente de um procedimento de comunicação e discurso. Com isso, elas diferem de outras áreas a exemplo da ciência, da religião e da ideologia, ao passo que surgem carregadas de propriedades e funções vinculadas a um modo de produção e ao seu papel na interação e na comunicação social (JESUÍNO, 2015). Ao centrar-se nas relações implicadas entre sujeito e objeto, social e individual, a Teoria das Representações Sociais aponta para a inafastabilidade de uma perspectiva interdisciplinar, tendo em vista a necessidade de serem considerados na investigação tanto aspectos culturais quanto individuais do sujeito. Mas afinal, por que criamos representações?

### **PROCESSOS DE FORMAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: OBJETIVAÇÃO E ANCORAGEM**

Hipóteses poderiam ser levantadas para tentar responder essa pergunta e não estariam totalmente desprovidas de verdade. O desejo do humano, individualmente ou em grupo, de criar imagens, construir sentenças que possam revelar ou ocultar suas intenções, desejos; o dissabor diante do desequilíbrio, das tensões psíquicas ou emocionais devido a um fracasso ou falta de uma integração social, de sua harmonia; a necessidade do controle por meio do filtro das informações que



chegam até o grupo social e, com isso, controlam os indivíduos. Em síntese, é possível dizer que as Representações Sociais desempenham fundamentalmente a função de tornar familiar aquilo que não é familiar (MOSCOVICI, 2015).

Essa função encontra-se a serviço de um estar bem, pois enquanto sujeitos implicados num contexto social têm a capacidade de estabelecer relações de comunicação, atribuindo-lhes sentido e significado para que, assim, possamos compreender e nos inserir nas rotinas para a sobrevivência (JODELET, 2001). Quando esse equilíbrio é ameaçado por algum material que pretende ser representativo de algum objeto comum, mas carrega características estranhas a nós e à comunidade que estamos inseridos, deverá ter suas características transformadas a fim de que possa tornar-se familiar (BARTLETT, 1961, *apud* MOSCOVICI, 2015). Isso indica uma característica própria dos sujeitos, a de repelir o estranho, o diferente, aquilo que tenha a capacidade de criar uma desordem, desequilibrar ou ameaçar o que dá sentido (OLIVEIRA; WERBA, 2010). Porém, é importante salientar que, quando esse material estranho é assimilado, passa a ter a capacidade de modificar crenças já estabelecidas e, com isso, rerepresentar o novo (MOSCOVICI, 2015). Para assimilar esse não familiar, dois mecanismos mostram-se essenciais ao processo de formação das representações e de sua estrutura, a saber, a objetivação e a ancoragem.

A ancoragem pode ser entendida enquanto processo que insere o objeto estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada (MOSCOVICI, 2015). Ele apresenta-se como função cognitiva essencial da representação, capaz também de se referir a todo elemento estranho ou desconhecido no ambiente social ou ideal (JODELET, 2001). Nesse caso, ele dá coerência, aprofunda a representação, ancora as ideias estranhas, reduzindo estas às categorias e imagens comuns dentro de um contexto familiar. Corresponde, por assim dizer, à transformação do não familiar em familiar, na qual as representações sociais depois de construídas tornam-se funcionais.

A objetivação corresponde a um mecanismo que pretende transformar o abstrato em algo quase concreto, ou seja, transferir o que se encontra em nível mental para alguma coisa existente no mundo físico. Por meio dele, a ideia de não familiaridade une-se à de realidade, tornando-se a verdadeira essência da realidade, emergindo diante de nossos olhos, física e acessivelmente (MOSCOVICI, 2015).

Jodelet descreve ainda três processos implicados com este mecanismo, a saber: seleção e descontextualização da informação através de critérios normativos e culturais; formação de um núcleo figurativo, a formação de uma estrutura que reproduz de maneira figurativa uma estrutura conceitual; e, finalmente, a naturalização, ou seja, a transformação dessas imagens em elementos da realidade (SPINK, 1993). Tais mecanismos recorrem à memória, especificamente à memória coletiva, para superar o não familiar. Mas, enquanto na ancoragem a memória é mantida em movimento, sempre dirigida para dentro, inserindo e retirando pessoas, acontecimentos e objetos, classificando-os tipologicamente e rotulando-os nomeadamente (MOSCOVICI, 2015, *apud* CRUZ NETO, 2020). Isso mostra que nenhuma mente se encontra imune a efeitos de condicionamento anteriores que lhes



são impostos através de suas representações sociais, linguagem e cultura. Pensamos por meio de uma linguagem; organizamos nossos pensamentos segundo um sistema que se encontra condicionado, tanto por nossas representações quanto por nossas culturas (MOSCOVICI, 2015).

### **FUNÇÕES DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

É possível depreendermos, com base no que foi apresentado e nas pistas seguidas, que a noção de Representação Social adquire na TRS um sentido de criação de um mundo comum. Elas possibilitam uma ação no mundo, criado e compartilhado coletivamente, e não uma mera reprodução daquilo que é dado, repetido sem novidade ou criação (SANCOVSHI, 2007). Esse aspecto criativo demonstra a força, nessas construções, ao transitar por territórios simbólicos, desestabilização o instituído, permitir a criação, a inovação, o desenvolvimento em diversos âmbitos.

De acordo com Abric (2000), é possível atribuir às Representações Sociais (RS) as seguintes funções: a função do saber, a função identitária, a função de orientação e a função justificadora.

- 1) A função do saber nas RS possibilita aos sujeitos a compreensão e explicação de uma dada realidade. A aquisição de saberes práticos do senso comum, assimiláveis e compreensíveis, dá-se em consonância com o funcionamento cognitivo e com universo de valores e crenças;
- 2) A função identitária funciona como uma proteção às especificidades dos grupos. Ao compartilhar suas RS, o grupo tem sua identidade definida e, com isso, diferencia-se dos demais grupos;
- 3) A função de orientação guia os comportamentos e práticas de um determinado grupo. Por meio dela são definidas as condutas socialmente aceitáveis, lícitas e ilícitas, dentro de um determinado contexto;
- 4) A função justificadora permite que condutas e comportamentos gerais sejam justificados, mesmo que *a posteriori*. Sabendo que as RS têm como função a preservação e justificação da diferenciação do grupo, podendo estereotipar relações entre grupos, contribuindo para a discriminação ou permanência da distância social entre eles (REIS; BELLINI, 2011).

Com isso, depreende-se que a noção de Representações Sociais na TRS implica no reconhecimento do seu papel fundamental na dinâmica das relações sociais e nas práticas, sendo o conhecimento do senso comum legítimo condutor de transformações sociais que, de alguma maneira, direciona o conhecimento produzido no campo científico. Sendo assim, o referencial teórico das RS contribui para a investigação no campo da saúde indígena, uma vez que considera indissociáveis as relações indivíduo/sociedade.

### **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM SAÚDE E DOENÇA**

O campo da saúde tem sido marcado, nos últimos trinta anos, por diferentes mudanças que se mostram nas perspectivas ideológicas, nas posições adotadas pelas pessoas que procuram



serviços de saúde e seus envolventes, ou mesmo na emergência de uma concepção comunitária de saúde pública (JESUÍNO, 2015).

Spink, ao apresentar as características da perspectiva construtivista da saúde/doença, evidencia um privilégio da perspectiva do paciente e não apenas do médico ou do sistema de saúde no processo de cuidado, sobretudo na esfera da conscientização, do entendimento da doença enquanto fenômeno psicossocial, historicamente construído e, como tal, correspondendo a um indicador da ideologia vigente sobre o adoecer e os doentes em determinada sociedade (1993). Saúde e doença não representam, necessariamente, a mesma coisa para todas as pessoas e sociedades, pois refletem a pluralidade, os valores individuais, concepções científicas e políticas, aspectos culturais de dada comunidade e momento histórico (SCLIAR, 2007).

No Brasil, a TRS encontrou espaço fecundo no campo da saúde, sobretudo quando se importa com o acesso a uma compreensão psicossociológica dos problemas, quer seja, do conhecimento utilizado por determinado grupo para dar sentido aos seus problemas, quer seja para justificar suas práticas de cuidado (OLIVEIRA, 2014). Acessar as RS de um objeto, neste caso a saúde e a doença, corresponde à busca por sua compreensão enquanto maneira de criar, modificar e interpretar certa temática, identificar pensamentos, sentimentos, percepções e experiências de vida compartilhadas, dentro de uma classe social e instituição as quais pertençam (COUTINHO, 2005).

Trata-se de centrar não nos produtores da ciência que valorizam os contributos internos, mas nos utilizadores que se apropriam deles enquanto seres pensantes e seres corporais e os transformam em saberes, conhecimentos, opiniões, representações, que lhes permitem gerir a tarefa da sua manutenção em vida (JESUINO, 2015, p. 67).

Nas sociedades capitalistas, as representações sociais de saúde e doença são, quase sempre, atravessadas por relações sociais advindas das diferenças de classes, das desigualdades econômicas, ou seja, estão marcadas pela contradição (MINAYO, 1998). Sendo assim, compreender o processo de cuidado em saúde reclama conhecer a maneira como o paciente e envoltos definem os contornos e a dimensão das demandas por cuidado, na relação sociedade e saúde, de modo a despertar no profissional a consciência de sua responsabilidade dentro desta totalidade (MORIN, 2011).

Por fim, percebe-se que a incorporação das Representações Sociais no campo da saúde tem, nesse caso, possibilitado agregar mais conhecimento e compreensão à área médica e da saúde coletiva, ao considerar o sujeito em suas diferentes dimensões e não apenas aquela estritamente biológica. Ao mesmo tempo, tem se mostrado enquanto valioso recurso para (re)pensar práticas e cuidados sustentados no âmbito da saúde e porque não daquelas sustentadas pelos próprios indígenas junto às pessoas em sofrimento mental.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Analisando os dados apresentados ao longo da pesquisa, depreende-se que a Teoria das Representações Sociais tem se mostrado enquanto importante fundamento no desenvolvimento de



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

REPRESENTAÇÃO SOCIAL EM SAÚDE  
Fábio Batista Sobral

pesquisas científicas nas mais variadas áreas do conhecimento. Porém, é na área de saúde e educação que tem ganhado destaque nos últimos anos, sobretudo por trazer uma visão psicossociológica dos fenômenos investigados, interrogando a posição dicotômica segundo a qual os fenômenos psicológicos e sociológicos eram dispostos paralelamente.

Compreendidas a partir de uma lógica dinâmica, em que sujeito e objeto constroem e são construídos, e não meras reproduções e/ou fenômenos aos quais estão adaptados, as representações sociais possibilitam que os sujeitos entendam e expliquem o mundo a sua volta, construam uma identidade que os protegem e diferenciam dos demais. A partir delas, comportam-se e desenvolvem práticas alinhadas a sua realidade, em simultâneo, se afastam de tudo que lhes é estranho. Por isso, tem sido cada vez mais aplicada no campo da saúde, dando a importância do acesso à compreensão do sujeito que procuram serviços de saúde e a necessidade de adequação das estratégias que buscam garantir a qualidade e continuidade do cuidado. Deste modo, a compreensão, análise e disseminação dos conhecimentos inerentes a Teoria das Representações Sociais mostra-se como importantes mecanismos de se aprimoramento e aplicabilidade nos problemas relacionados ao campo da saúde.

### REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. **A abordagem estrutural das Representações Sociais**. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos Interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000. p. 27-37.
- ARRUDA, A. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. **Cadernos de Pesquisa**, 2002.
- DURAN, M. C. G. Representações sociais: uma instigante leitura com Moscovici, Jodelet, Marková e Jovchelovitch. **Educação & Linguagem**, v. 15, 2012.
- DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. Tradução: Maria Isaura Pereira de Queiroz. 17. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.
- FARR, R. Representações sociais: a teoria e sua história. In: JOVCHELOVITCH, Sandra; GUARESCHI, Pedrinho (Org.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- JENUINO, J. C.; MENDES, F. R. P.; LOPES, M. J. **As representações sociais nas sociedades em mudança**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- JODELET, D. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- LEFÈVRE, F. **Discurso do Sujeito Coletivo. Nossos modos de pensar, nosso eu coletivo**. São Paulo: Andreoli, 2017.



**RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR**  
**ISSN 2675-6218**

REPRESENTAÇÃO SOCIAL EM SAÚDE  
Fábio Batista Sobral

- MARKOVÁ, I. A fabricação da teoria de representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, 2017.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Elaine Lisboa. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- OLIVEIRA, F. O.; WERBA, G. C. **Representações Sociais**. In: **Psicologia Social Contemporânea**: Livro-texto. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- REIS, S. L. A.; BELLINI, M. Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 33, n. 2, p. 149-159, 2011.
- SCLIAR, M. História do Conceito de Saúde. **Physis: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2007.
- SPINK, M. J. P. The Concept of Social Representations in Social Psychology. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 1993.